

**Fotografia e memória: práticas de armazenamento e
valor simbólico da imagem entre jovens nas redes sociais¹**

***Photography and memory: image storage practices and
the symbolic value of images among young people on social media***

Samuel Leite da SILVA²
Leatrice Ferraz MACÁRIO³

Resumo

Este artigo analisa as transformações da fotografia como suporte de memória entre jovens usuários de redes sociais, investigando as mediações que atravessam a produção, o armazenamento e a rememoração das imagens. Fundamentado nos estudos de Dubois (1993), Le Goff (1990), Machado (2001) e Gunthert (2015), o trabalho discute as relações entre fotografia, memória e cultura digital. A pesquisa, de caráter exploratório e descritivo, utilizou questionários estruturados aplicados a jovens de 20 a 24 anos usuários de plataformas digitais. Os resultados indicam que o ambiente digital reconfigura o valor simbólico das fotografias, revelando uma tensão entre o desejo de preservar memórias e a lógica da circulação efêmera. Embora os participantes ainda atribuam às imagens valor afetivo e mnemônico, predominam práticas voltadas à interação social. Conclui-se que a memória fotográfica permanece relevante, mas sua ativação ocorre cada vez mais por meio de mediações tecnológicas e algorítmicas.

Palavras-chave: Fotografia. Memória. Juventude. Armazenamento digital.

Abstract

This article analyzes the transformations of photography as a medium of memory among young social media users, investigating the mediations involved in the production, storage, and recollection of images. Grounded in the studies of Dubois (1993), Le Goff (1990), Machado (2001), and Gunthert (2015), the paper discusses the relationships between photography, memory, and digital culture. The exploratory and descriptive research employed structured questionnaires administered to young people aged 20 to 24 who use digital platforms. The findings indicate that the digital environment reconfigures the symbolic value of photographs, revealing a tension between the desire to preserve memories and the logic of ephemeral circulation. Although participants still attribute affective and mnemonic value to images, practices oriented toward social interaction tend

¹ Artigo apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso ao Instituto Federal da Bahia (IFBA), como parte das exigências para a obtenção do título de graduação em tecnólogo em Produção Multimídia.

² Graduado em Produção Multimídia pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia; E-mail: eusamuellerite@gmail.com

³ Doutora em Memória, Linguagem e Sociedade pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia; Docente do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia; E-mail: leatrice.macario@ifba.edu.br

to prevail. The study concludes that photographic memory remains relevant, but its activation increasingly occurs through technological and algorithmic mediations.

Keywords: Photography. Memory. Youth. Digital storage.

Introdução

A fotografia, desde sua concepção no século XIX, consolidou-se como um importante suporte de memória individual e coletiva, permitindo o registro e a preservação de experiências significativas. Sua força reside, em grande parte, no fato de ser um índice, um traço do real que esteve ali, o que Philippe Dubois (1993) chama de "imagem-ato". Essa capacidade de atestar a existência confere à foto um valor de testemunho e a memória que ela evoca é uma construção subjetiva, que cria passados a cada vez que é revisitada, conforme argumenta Oliveira (2011). No contexto das tecnologias digitais e da proliferação de plataformas de compartilhamento de imagens, percebe-se alterações nas práticas fotográficas contemporâneas relacionadas substancialmente à dimensão simbólica e afetiva das imagens, reconfigurando o valor emocional e mnemônico atribuído às fotografias.

Autores importantes como Gunthert (2014) e Sibilia (2008) sugerem que, neste contexto digital, a fotografia estaria passando por uma transformação de sua função primária, deslocando-se gradualmente de um registro perene e significativo para um instrumento de interação social imediata. Nesse contexto, este trabalho analisa como o ambiente da fotografia digital, presente no cotidiano de jovens, tem influenciado as práticas de captura, armazenamento e a construção da memória fotográfica. A investigação procurou compreender como o valor da fotografia se transforma ao migrar do registro de memórias para o compartilhamento efêmero nas plataformas digitais entre esses jovens. Além disso, investigou-se como a busca por engajamento social, manifestada por curtidas e comentários, influencia a relação dos jovens com suas fotografias. Também se examinou a transformação da fotografia de registro duradouro em ferramenta de interação social imediata e seus impactos na construção de memórias para a geração digital. Por fim, o estudo identificou como os sistemas de armazenamento digital e as funcionalidades de "lembretes" das plataformas reconfiguram as práticas de revisão e ressignificação de memórias fotográficas entre jovens.

Fotografia como ato e criação de passados: o valor mnemônico tradicional

A força da fotografia está presente, em grande parte, em sua natureza de índice, um traço do real que esteve lá, o que Philippe Dubois (1993) define como uma "imagem-ato", inseparável do momento de sua captura. Essa capacidade de mostrar a existência dá à imagem um valor de testemunho. Contudo, a revolução digital e logo em seguida a proliferação de plataformas de compartilhamento de imagens provocaram grandes alterações nas práticas fotográficas contemporâneas, reconfigurando o valor emocional e mnemônico atribuído às fotografias.

Essa evidência confere à fotografia um poder de testemunho e de prova que a diferencia de outras formas de representação. Dubois (1993, p. 57) enfatiza que, ao contrário de outras mídias, com a fotografia "não nos é mais possível pensar a imagem fora do ato que a faz ser", ligando-a indissociavelmente ao tempo e ao espaço de sua captura, como um lugar de memória (Nora, 1993). Os lugares de memória desempenham o papel de arquivos que são, simultaneamente, simples e ambíguos, naturais e artificiais, pois nesses espaços se articulam tanto a experiência sensível quanto a construção abstrata do processo de rememoração do passado (1993, p. 21).

Entretanto, o valor mnemônico da fotografia não se limita ao seu caráter de prova. A imagem fotográfica, em sua essência, não apenas registra o passado, mas ativamente o cria a cada revisitação. Ao ser retirada de seu contexto original, a fotografia é inevitavelmente atualizada pelo olhar do espectador, que preenche as lacunas da memória com o conhecimento e a emoção do presente. A memória humana não se organiza como um arquivo linear e completo do passado, mas como um conjunto de fragmentos, imagens e experiências do cotidiano que são constantemente reelaborados. Nesse sentido, ela é menos um depósito estático de lembranças e mais um processo ativo de reconstrução do vivido. Partindo das ideias de Le Goff (1990, p. 423), é possível entender que a fotografia, ao conservar determinadas informações, está diretamente ligada às funções psíquicas que permitem ao sujeito atualizar impressões e acontecimentos que ele reconhece como pertencentes ao passado. Ou seja, a imagem fotográfica não apenas registra um instante, mas atua como suporte material da memória, reativando lembranças e significados. Assim, o ato de fotografar se transforma em uma estratégia de preservação simbólica do tempo. Ao congelar um momento, a fotografia cria uma espécie de âncora visual que auxilia o indivíduo a rememorar experiências que, sem esse registro, poderiam se diluir

ou se modificar ao longo dos anos. No entanto, é importante compreender que a fotografia não garante a fidelidade absoluta do passado; ela orienta e molda a lembrança, funcionando como mediadora entre a experiência vivida e sua posterior reconstrução na memória.

Na era digital, a imagem abandona a noção de objeto único e físico para se tornar um elemento de intensa circulação. Machado (2001) destaca que essa desmaterialização transforma a fotografia em um fluxo de dados contínuo, onde o valor da imagem não reside mais em sua materialidade ou singularidade, mas em sua capacidade de circular e ser processada pelas redes sociais.

Essa condição de fluxo levanta a questão central da transformação do valor da fotografia de um registro de memórias para um compartilhamento efêmero. A ausência do suporte físico e a facilidade de cópia e descarte afetam o valor simbólico e afetivo da imagem, uma vez que o descarte se torna uma prática tão comum quanto a captura (Machado, 2001). Se a fotografia tradicional era um registro duradouro, a fotografia pós-fotográfica é marcada pela efemeridade, deslocando o foco do objeto (a foto guardada) para o processo (o ato de registrar e compartilhar).

O suporte físico da fotografia analógica conferia-lhe um caráter de objeto de memória duradouro, um artefato a ser guardado e transmitido. A imagem digital, como fluxo, adquire uma volatilidade e efemeridade que se alinham com a lógica do compartilhamento instantâneo e do descarte fácil nas plataformas digitais. O foco da memória se desloca do objeto estático para o processo dinâmico de criação e circulação. Nesse contexto, a memória que a fotografia evoca é sempre uma construção subjetiva, que cria passados a cada vez que é revisitada, conforme argumenta Oliveira (2011), reforçando a ideia de que a imagem digital, em sua fluidez, não apenas representa, mas ativamente molda e remolda a percepção do passado.

É precisamente essa desmaterialização e a consequente transformação da fotografia em um fluxo contínuo de dados que pavimentam o caminho para uma redefinição de sua função social. Se a imagem-objeto era primariamente um suporte de memória, a imagem-fluxo, em sua volatilidade e capacidade de rápida circulação, adquire um novo propósito, tornando-se um vetor privilegiado para a interação social imediata. Para Gunthert (2014), a imagem digital não é usada primeiro para registro ou estética, mas sim como uma ferramenta de comunicação e interação social imediata. Seu valor está

na sua capacidade de gerar resposta, de ser compartilhada e de promover a conexão entre os usuários.

A expressão "imagem conversacional" designa a fotografia que se desvincula de seu paradigma tradicional de registro autônomo e duradouro, para se integrar aos sistemas de comunicação em tempo real, como os aplicativos de mensagens e as redes sociais. Nesse novo contexto, a fotografia atua como um "disparador" ou "conector" de conversas, onde a sua função primordial é a de ser um "elemento de linguagem" que facilita a interação social e a expressão imediata (Gunthert, 2014).

Essa mudança de função é acompanhada pela emergência da "visibilidade compartilhada", conceito desenvolvido por Paula Sibilia (2008). A imagem é produzida com o objetivo intrínseco de ser vista por um grupo específico, e seu significado é construído no ato de compartilhamento e na reação do outro, e não mais na sua capacidade de evocar um passado de forma isolada. O valor da imagem, portanto, migra do valor mnemônico (preservação da memória a longo prazo) para o valor de uso imediato, focado na utilidade da imagem na conversa e na participação social. Conforme aponta Sibilia (2008), essa visibilidade é o que sustenta as subjetividades contemporâneas nas redes, transformando a intimidade em espetáculo.

Fotografia digital e memória na cultura da conectividade

A dinâmica da fotografia pós-fotográfica e da imagem conversacional encontra seu terreno mais fértil e sua maior potencialização no ambiente das redes sociais. Van Dijck (2013), ao analisar plataformas como Instagram e Facebook, revela como estas se tornaram os principais ambientes de circulação e armazenamento de imagens, redefinindo não apenas onde as fotografias são vistas e guardadas, mas fundamentalmente como são produzidas e percebidas pelos usuários (Van dijck, 2013). A fotografia, nesse contexto, deixa de ser um mero registro estático para se integrar a um fluxo contínuo de interações visuais.

A distinção crucial entre conectividade humana (o desejo intrínseco de sociabilidade) e conectividade técnica (a exploração comercial desse desejo pelas plataformas) é central para entender a nova função da fotografia. A lógica da plataforma atua como um mecanismo que traduz a interação social em dados monetizáveis, um processo que Van Dijck denomina "tornar a socialidade técnica" (Van dijck, 2013). A

fotografia contemporânea deve ser compreendida em sua relação com o ambiente em que circula, uma vez que as plataformas atuam como dispositivos que organizam e condicionam as relações entre imagens e memória. As câmeras dos smartphones, os filtros, as ferramentas de edição e os algoritmos de recomendação são projetados para facilitar a partilha e maximizar o engajamento. Assim, as métricas de engajamento curtidas, comentários, compartilhamentos transformam-se no novo capital social da imagem, incentivando os fotógrafos (amadores ou profissionais) a criar conteúdo que ressoe com o público e gere interação, em vez de focar exclusivamente no valor intrínseco da imagem como documento ou expressão artística.

Nesse contexto, a cultura da conectividade promove uma reconfiguração das práticas fotográficas, orientando-as pela lógica da visibilidade e do engajamento. A fotografia digital passa a ser produzida não apenas para arquivamento, mas para circulação em redes, sendo atravessada por dinâmicas de interação que incluem curtidas, comentários e compartilhamentos. Essas práticas transformam a imagem em um dispositivo comunicacional, no qual o valor simbólico está diretamente relacionado à sua capacidade de gerar atenção e participação. Assim, o engajamento não apenas mede a circulação das imagens, mas também influencia sua permanência e relevância nos ambientes digitais (Van Dijck, 2013).

A fotografia, que tradicionalmente servia como um suporte para a memória e a narrativa pessoal, é agora frequentemente concebida como um instrumento de autopromoção e validação social, ecoando a "espetacularização da intimidade" de Sibilia (2008). A programabilidade das plataformas, através de seus algoritmos e interfaces, direciona o usuário a produzir imagens que maximizem o engajamento, muitas vezes desviando o foco do valor mnemônico (a capacidade de evocar lembranças) para o valor de performance (a capacidade de gerar reações e interações). O ato fotográfico, antes um momento de captura e contemplação, torna-se um ato performático, onde a imagem é cuidadosamente elaborada para a recepção pública e o reconhecimento algorítmico.

Fernandes e Amorim (2017) explicam que as imagens não permanecem fixas, mas são constantemente retomadas e recontextualizadas em novos significados, muitas vezes impulsionadas por mecanismos automatizados das próprias plataformas digitais. Esse processo evidencia que a memória digital não é estática, mas processual, sendo continuamente reconstruída no presente. Além disso, a lógica de funcionamento das redes sociais tensiona a própria noção de temporalidade. Os autores destacam a coexistência

entre uma organização cronológica e uma dinâmica algorítmica que reintroduz conteúdos do passado no presente, evidenciando uma ruptura com a linearidade temporal tradicional, aproximando-se de uma memória em fluxo, na qual passado e presente se entrelaçam continuamente.

Além disso, a cultura da conectividade reconfigura profundamente a forma como a memória fotográfica é revisitada. Os sistemas de armazenamento digital e os "lembretes" algorítmicos, como as funções "Neste dia" (Google fotos) ou "Lembranças" (Instagram) das plataformas, exemplificam a memória algorítmica. As plataformas não apenas armazenam as fotografias, mas as apresentam de volta ao usuário em momentos específicos, mediando a experiência do passado. Essa mediação algorítmica questiona a criação de passados como um ato ativo e subjetivo e essa passividade e a curadoria algorítmica da memória transformam o arquivo fotográfico pessoal em um "fluxo narrativo" pré-formatado, onde o passado é reencenado e apresentado de maneiras que servem aos interesses da plataforma (engajamento e permanência do usuário) e não necessariamente à autenticidade ou profundidade da experiência mnemônica individual.

Metodologia

Este estudo adotou uma abordagem exploratória e descritiva, focada na investigação de como as práticas fotográficas de armazenamento influenciam a percepção e o valor simbólico da imagem para os jovens. A pesquisa concentrou-se em um único grupo demográfico: jovens de 20 a 24 anos, moradores de Santo Antônio de Jesus - BA e foi realizada em dezembro de 2025. Este recorte etário permitiu investigar como a geração que cresceu em contato com tecnologias digitais e redes sociais estabeleceu relações com registros fotográficos.

O universo pesquisado referente ao grupo pesquisado, totaliza 8.315 pessoas, segundo o Censo Demográfico de 2022 (IBGE, 2023). Para a realização deste estudo, definiu-se uma amostra de 70 participantes. A seleção dos respondentes foi realizada por conveniência, caracterizando uma amostragem não probabilística.

A coleta de dados foi realizada por formulário online disponível no Google Forms, contendo perguntas estruturadas para captar informações sobre práticas de captura, armazenamento, compartilhamento e revisão de fotografias, bem como sobre os

significados atribuídos às imagens digitais pelos participantes. Os dados coletados foram analisados através de análise estatística descritiva.

Resultados

A pesquisa identificou que o uso das redes sociais é uma parte central do dia a dia do grupo pesquisado. O Instagram destacou-se como a principal plataforma, usada por quase todos os respondentes (98,6%). Além do Instagram, o WhatsApp (81,4%) e o TikTok (75,7%) também são muito fortes, mostrando que o foco está em conteúdos rápidos, vídeos e mensagens instantâneas. Complementando esse cenário, quando perguntamos por que eles usam essas redes, os resultados chamam a atenção. A maioria usa para se distrair com entretenimento (34,3%) ou para conversar e interagir com outras pessoas (31,4%).

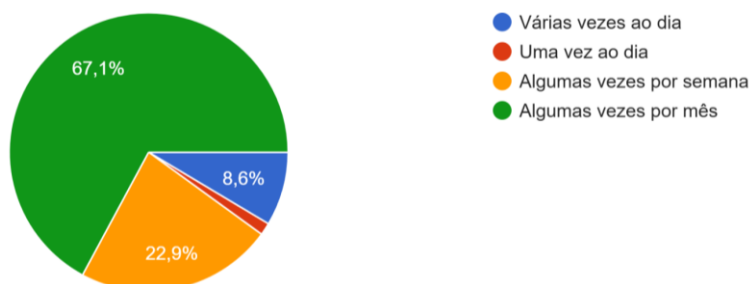
A partir desse contexto, a pesquisa mostra uma mudança clara no jeito como os jovens usam as redes sociais. Postar fotos e momentos da vida pessoal virou um objetivo secundário, sendo o motivo principal para apenas 12,9% das pessoas. Por outro lado, o entretenimento e o consumo de conteúdo aparecem no topo, com 34,3%, seguidos pela vontade de conversar e interagir com os outros, que soma 31,4%. Essa queda no compartilhamento pessoal combina com o que André Gunthert (2014) explica sobre a "imagem conversacional": a foto digital não serve mais tanto para guardar uma lembrança no álbum, mas sim para puxar conversa e circular na rede de forma rápida.

A baixa frequência de postagens diárias observada na pesquisa, onde apenas 8,6% dos jovens publicam uma vez ao dia, revela uma dinâmica de assimetria. Enquanto um pequeno grupo mantém uma exposição constante, a maioria (67,1%) prefere o papel de espectador. Esse comportamento não anula a ideia de 'imagem conversacional' de André Gunthert; ao contrário, a reforça, pois a imagem (tanto a própria quanto a do outro) continua sendo o motor das interações.

No entanto, embora o desejo de ser visto ainda exista, a prática real da maioria pesquisada é a observação. Assim, as redes sociais funcionam menos como um palco de exibição ininterrupta e mais como um ambiente de consumo e entretenimento. Os resultados sugerem que estar conectado o tempo todo não significa produzir conteúdo, mas sim compor uma audiência ativa e seletiva, que escolhe momentos muito específicos para assumir o protagonismo da imagem, como indicado no gráfico 01:

Gráfico 01 - Frequência de publicações

70 respostas

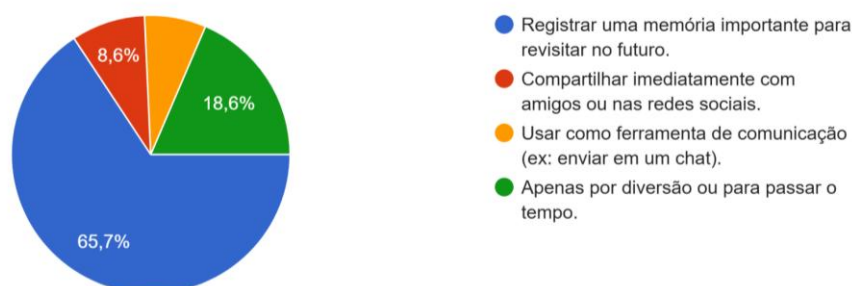


Fonte: Elaborado pelo autor, 2026

Apesar dessa seletividade na hora de postar, o principal motivo para a grande maioria dos jovens (65,7%) tirar uma foto, conforme demonstrado no gráfico 02, ainda é registrar uma memória importante para o futuro. Esse dado é bem curioso porque apenas 8,6% disseram que priorizam o compartilhamento imediato nas redes sociais ou com amigos. Isso mostra que, na hora de apertar o botão da câmera, o valor de guardar uma lembrança para depois ainda fala mais alto do que a pressa de postar. Esse achado reforça a ideia de Philippe Dubois (1993), que vê a fotografia como um "testemunho do real", algo que serve para provar que aquele momento existiu e merece ser guardado. Mesmo com a rapidez do mundo digital e a lógica do fluxo constante de imagens que autores como Arlindo Machado (2002) e André Gunthert(2015) discutem, o desejo tradicional de criar um arquivo pessoal de memórias resiste e continua sendo a maior motivação para fotografar.

Gráfico 02 - Intenção ao fotografar

70 respostas



Fonte: Elaborado pelo autor, 2026

A intenção de guardar a memória se confirma quando observamos que o gráfico 03 mostra que 72,9% dos respondentes valorizam a fotografia pelo seu significado pessoal, enquanto apenas 14,3% associam valor ao engajamento, 10% à visibilidade momentânea e uma pequena parcela ao compartilhamento restrito. Isso indica que, mesmo nas redes sociais, o sentido afetivo ainda é o principal critério de valor e a fotografia se mantém como memória e expressão pessoal, mas atravessada por lógicas de exposição.

Gráfico 03 - Valor da fotografia quando postada nas redes sociais

70 respostas

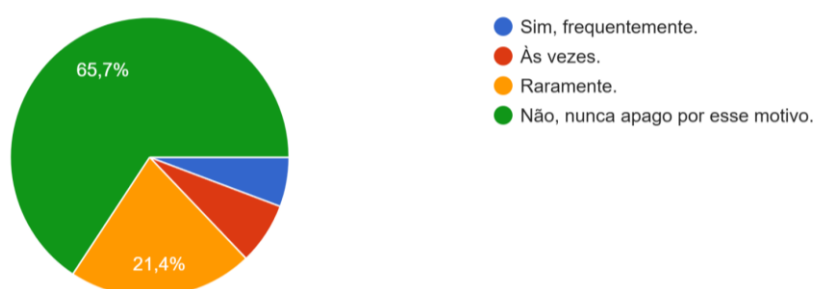


Fonte: Elaborado pelo autor, 2026

Embora o valor pessoal seja evidente, no gráfico 04 os dados mostram que 65,7% afirmam nunca apagar fotos por baixo engajamento, enquanto cerca de 34% admitem fazer isso em algum nível, sendo 21,4% raramente e uma parcela menor às vezes ou frequentemente, o que revela uma contradição entre discurso e prática, já que, mesmo com a maioria negando a influência das métricas, ainda existe uma adaptação do conteúdo à repercussão.

Gráfico 04 - Sobre apagar fotos por baixo desempenho

70 respostas



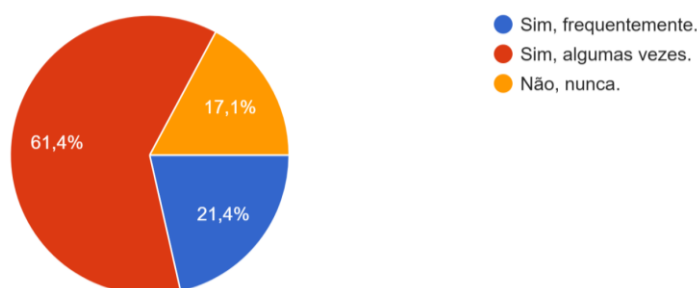
Fonte: Elaborado pelo autor, 2026

No mesmo sentido dessa performance social, a pesquisa também identificou que 61,4% dos jovens atribuem pouca ou nenhuma importância às curtidas na definição da qualidade das fotos, enquanto os demais se distribuem em níveis variados de 0 a 5 (sendo 0 para 'mínima importância' e 5 para 'máxima importância') (44,3% nível 0 18,6% nível 1, 14,3% nível 2, 12,9% nível 3, 1,4% nível 4 e 8,6% nível 5), indicando que, embora o discurso dominante valorize a autonomia e o significado pessoal, ainda existe uma parcela relevante que considera, em algum grau, o engajamento como critério.

A preocupação com o outro fica evidenciada quando os dados apresentados no gráfico 05 mostram que mais de 80% dos jovens já deixaram de compartilhar uma foto por receio do julgamento alheio, sendo 21,4% com frequência, 61,4% em algumas vezes e apenas 17,1% afirmando nunca passar por isso.

Gráfico 05 - Sobre deixar de postar por medo do julgamento

70 respostas



Fonte: Elaborado pelo autor, 2026

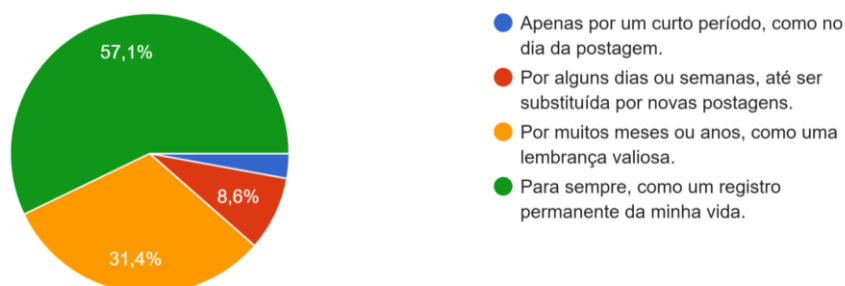
Ao serem questionados sobre a motivação para tirarem fotos, percebeu-se que 42,8% dos jovens se sentem motivados a fotografar pela perspectiva de validação pública, sendo 21,4% muito motivados e 31,4% um pouco motivados, enquanto 28,6% afirmam que isso não muda sua motivação e 18,6% dizem não se sentir motivados por esse fator, indicando que, embora o significado pessoal ainda exista, a lógica do engajamento já influencia diretamente o próprio ato de fotografar.

Em contrapartida, a essa performance momentânea, os dados apresentados no gráfico 06 revelam uma resistência surpreendente à lógica do descarte digital: embora vivamos em uma era de fluxos instantâneos, a maioria dos jovens (57,1%) ainda enxerga a fotografia postada como um registro permanente de suas vidas, enquanto 31,4% a valorizam por muitos meses ou anos como uma lembrança valiosa. Apenas uma pequena

parcela vê a imagem como algo passageiro, sendo que 8,6% acreditam que ela dura apenas alguns dias ou semanas e meros 2,9% a consideram relevante apenas no dia da postagem.

Gráfico 06 - Sobre a duração da memória após a postagem

70 respostas



Fonte: Elaborado pelo autor, 2026

Seguindo essa linha de pensamento, fica evidente que a fotografia, mesmo no ambiente digital, ainda carrega uma missão muito tradicional: 60% dos jovens a utilizam principalmente para documentar a vida para o futuro, tratando-a como um registro duradouro. Outros 21,4% usam a imagem para expressar identidade e estilo de vida e, o que mais chama a atenção é que apenas 5,7% dos entrevistados focam na comunicação e interação social imediata, e 12,9% não veem um papel definido.

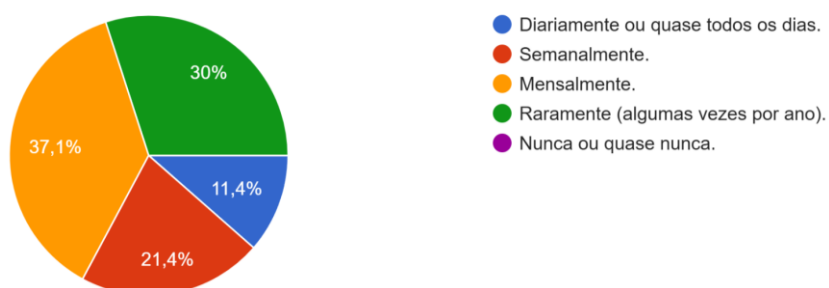
Os resultados trouxeram um ponto fundamental para entender a relação atual com a imagem: a fotografia ainda possui um valor próprio que não depende da aprovação dos outros. Para a grande maioria, ou seja, 62,9% dos jovens, o valor de uma foto especial permaneceria o mesmo mesmo que ela nunca fosse compartilhada. Indo além, 32,9% acreditam que esse valor até aumentaria, justamente por se tornar uma memória mais íntima e particular. Somente uma minoria de 4,2% sente que a falta de postagem afetaria negativamente a importância do registro. Esses dados mostram que, o valor da foto como "índice" defendido por Dubois e como suporte para a "criação de passados" de Oliveira ainda é o mais importante. Isso prova que a essência da fotografia como uma âncora de afeto e memória pessoal continua muito forte, resistindo à pressão da cultura da conectividade, onde parece que tudo só existe se for publicado. No fim das contas, a imagem guardada no privado ainda é vista como um patrimônio afetivo que transcende qualquer curtida ou validação social. Contudo, para que esse valor seja preservado, os dados revelam como a fotografia se tornou totalmente dependente da tecnologia digital, com o celular sendo o principal guardião das memórias para 71,4% dos jovens. Esse

armazenamento se espalha por outros espaços imateriais, com 55,7% utilizando serviços de nuvem e 52,9% confiando suas fotos às redes sociais. Por outro lado, o uso de dispositivos físicos como HDs externos ou pendrives é muito baixo, aparecendo em apenas 8,6% das respostas, enquanto o descarte total de fotos é nulo (0%).

Diante dessa imaterialidade, os dados mostram que, embora a fotografia digital domine o cotidiano, o papel ainda resiste como um símbolo de importância emocional. A maioria dos jovens já não tem o hábito de imprimir: 37,1% raramente o fazem e 34,3% afirmam que guardam suas fotos exclusivamente em formato digital. No entanto, o dado mais interessante é que 21,4% ainda recorrem à impressão em ocasiões "muito especiais", como viagens e aniversários, e uma pequena parcela de 7,1% mantém esse hábito com frequência. Essa insistência no suporte físico para momentos marcantes retoma o conceito de Dubois (1993) sobre o "índice" e a "imagem-ato": a foto impressa deixa de ser apenas um arquivo invisível no celular para se tornar um objeto real, que se pode tocar. Essa prática funciona como um filtro contra o "fluxo efêmero" descrito por Machado (2002); ao imprimir, o jovem decide o que merece sair da volatilidade dos dados para se tornar uma memória perene. Mesmo no ambiente digital, os dados reforçam que a memória digital não é algo estático ou esquecido no fundo de uma galeria; pelo contrário, ela é revisitada com frequência. A grande maioria dos jovens (69,9%, somando as frequências diária, semanal e mensal) mantém um contato ativo com suas fotos antigas. Especificamente, 37,1% revisitam suas lembranças mensalmente, 21,4% semanalmente e 11,4% fazem isso todos os dias ou quase todos os dias. Apenas 30% relatam que raramente olham para trás, o que mostra que o ato de "olhar as fotos" é um hábito consolidado.

Gráfico 07 - Com que frequência as fotos antigas são revistas

70 respostas



Fonte: Elaborado pelo autor, 2026

Os resultados revelam uma mudança profunda na maneira como acessamos o passado, destacando que a nossa memória está se tornando cada vez mais automatizada. Para a grande maioria dos jovens, o ato de lembrar não nasce apenas de uma vontade própria, mas de um estímulo externo: 50% afirmam ser influenciados "um pouco" pelas lembranças automáticas e 28,6% admitem que essa é a sua "principal forma" de revisitar fotos antigas. Somando esses dados, quase 80% dos participantes dependem ou são guiados por notificações do celular para olhar para trás. Apenas 14,3% revisitam suas fotos por conta própria e 7,1% raramente o fazem.

Por fim, os dados são reveladores sobre o que realmente sobra de uma imagem quando o tempo passa: o sentimento e a lembrança do momento em si são os fatores mais importantes para 68,6% dos jovens, seguidos pelo contexto de quem estava presente e onde a foto foi tirada (31,4%). É impressionante notar que quesitos como a qualidade estética da foto ou a quantidade de curtidas e engajamento que ela recebeu na época tiveram 0% de relevância. Isso prova que, no longo prazo, o "sucesso" passageiro das redes sociais perde totalmente o sentido, cedendo lugar ao valor sentimental puro. Esse comportamento reforça as ideias de Le Goff(1990) e Oliveira(2011) de que a fotografia, em sua essência íntima, funciona como um suporte de memória que resiste à lógica de exibição das plataformas. Mesmo em uma cultura que valoriza o espetáculo, como aponta Paula Sibilia(2008), o que o jovem busca ao revisitar seu passado não é a performance ou a beleza técnica, mas sim o "índice" de Dubois(1993) a prova emocional de que aquele momento existiu e ainda ressoa em sua história pessoal. No fim das contas, a memória afetiva acaba sendo o filtro definitivo que separa o que foi apenas um post do que é uma lembrança para a vida toda.

Gráfico 08 - O que importa ao rever uma foto antiga

70 respostas



Fonte: Elaborado pelo autor, 2026

A transição da fotografia do papel para o digital não extinguiu o valor sentimental da imagem, mas o reconfigurou profundamente através da mediação tecnológica. A memória dos jovens de hoje tornou-se um processo passivo e tecnologicamente orquestrado. Em vez de revisitarem ativamente seus arquivos, os jovens dependem de "lembretes" e funções como "Neste dia" das plataformas para acessar seu próprio passado. Essa "memória algorítmica" transforma o arquivo pessoal em um fluxo narrativo pré-formatado que serve mais ao engajamento das redes do que à autenticidade da experiência individual.

Considerações finais

Este estudo permitiu compreender que, no contexto da cultura digital, a fotografia ultrapassa sua função de registro para atuar como um dispositivo ativo na produção e reorganização da memória. É amplamente reconhecido que a fotografia digital e as plataformas de redes sociais transformaram as dinâmicas de interação social e os processos de construção da memória individual. Essas mudanças transcendem o domínio técnico, impactando diretamente o valor emocional e simbólico atribuído às recordações visuais. O ponto principal da presente pesquisa não reside apenas em constatar que a fotografia mudou, mas sim em descobrir o que ocorreu com o seu valor. Considera-se que a fotografia analógica, em suporte de papel, atuava como um índice e prova material de permanência. A partir dos dados coletados e do confronto com o referencial teórico, é possível concluir que a fotografia, no contexto digital contemporâneo, vive uma tensão constante entre a preservação do passado e a performance do presente.

Em relação às práticas de captura e compartilhamento, identificou-se que, embora o discurso dos jovens ainda privilegie a ideia da fotografia como "registro para o futuro", a prática cotidiana é fortemente moldada pela lógica da conectividade. A alta dependência de *feedback* e a preocupação com o julgamento alheio revelam que a imagem se tornou, primordialmente, uma ferramenta conversacional (Gunthert, 2014) e um instrumento de visibilidade social (Sibilia, 2008). No que tange ao armazenamento e à memória, a pesquisa confirmou a transição da "imagem-objeto" para o "fluxo de dados" (Machado, 2001). A quase total ausência de fotografias impressas e a dependência de sistemas de nuvem e redes sociais delegam às plataformas o papel de guardiãs das lembranças.

A descoberta mais marcante deste estudo foi o papel da memória algorítmica: o jovem não busca mais o passado de forma ativa; ele aguarda ser "notificado" por ele

através de algoritmos. Essa automação da saudade reconfigura a subjetividade, tornando a revisitação da memória um evento passivo e tecnologicamente mediado. Por fim, este estudo contribui para a compreensão de como a geração nativa digital lida com a volatilidade das imagens. Como sugestão para pesquisas futuras, recomenda-se investigar o impacto psicológico a longo prazo dessa memória fragmentada e dependente de plataformas privadas, bem como a percepção dessas transformações em outras faixas etárias para fins comparativos.

Referências

DUBOIS, Philippe. **O ato fotográfico e outros ensaios**. 2. ed. Campinas, SP: Papirus, 1993.

FERNANDES, Rodrigo Emanuel; AMORIM, Antonio Carlos Rodrigues de. **Imagens fotográficas nas redes sociais: entre fluxos, esgotamentos e criação**. Interfaces Científicas - Educação, Aracaju, v. 6, n. 1, p. 177-188, out. 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.17564/2316-3828.2017v6n1p177-188>. Acesso em: 13 abr. 2026.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2019.

GUNTHER, André. **L'image conversationnelle**. Les nouveaux usages de la photographie numérique. Études photographiques, n. 31, printemps 2014. Disponível em: <https://journals.openedition.org/etudesphotographiques/3474>. Acesso em: 4 mar. 2026.

GUNTHER, André. **L'image partagée: la photographie numérique**. Paris: Textuel, 2015.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Cidades@: Santo Antônio de Jesus (BA) - Panorama. 2023. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/santo-antonio-de-jesus/panorama>. Acesso em: 2 set. 2025.

KOSSOY, Boris. **Fotografia & história**. 4. ed. rev. São Paulo: Ateliê Editorial, 2014.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Tradução de Bernardo Monteiro de Rezende. 3. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990.

LUNENFELD, Peter. **Fotografia digital: a imagem dubidativa**. Revista do Programa de Pós-graduação em Comunicação – UFC, Ceará, v. 2, s.n., p. 1-15, jun. 2011.

MACHADO, Arlindo. **O quarto iconoclasmo e outros ensaios hereges sobre a imagem, o conhecimento e a tecnologia.** Rio de Janeiro: Contracapa, 2001.

MANUS AI. Manus. Ferramenta de inteligência artificial utilizada para apoio na elaboração deste trabalho, especialmente em [organização de ideias, revisão textual e sugestões estruturais]. Acesso em: 24 abr. 2026.

NORA, Pierre. **Entre memória e história:** a problemática dos lugares. Projeto História, São Paulo, n. 10, dez. 1993.

OLIVEIRA, Rogério Luiz Silva de. **Fotografia e memória:** a criação de passados. 2011. 99 f. Tese (Doutorado em Memória: Linguagem e Sociedade) – Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade, Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, 2011.

OPENAI. ChatGPT (modelo GPT-5.3). Ferramenta de inteligência artificial utilizada para apoio na elaboração deste trabalho, especialmente em [organização de ideias, revisão textual e sugestões estruturais]. Acesso em: 24 abr. 2026.

SIBILIA, Paula. **O show do eu:** a intimidade como espetáculo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

VAN DIJCK, José. **The culture of connectivity:** a critical history of social media. Oxford: Oxford University Press, 2013.